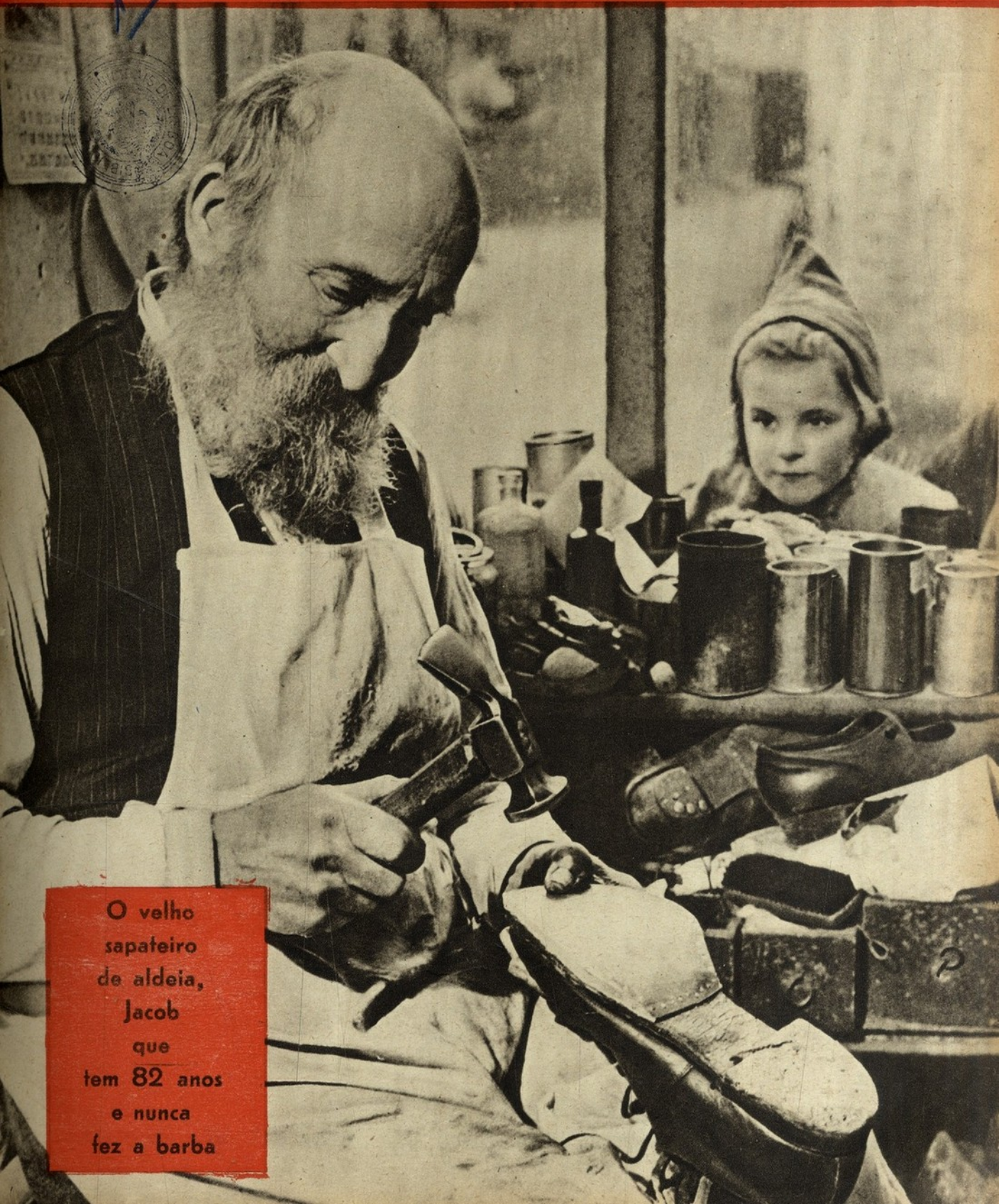


181

DEPOSITO LEGAL
ABR 1945

MUNDO GRÁFICO



O velho
sapateiro
de aldeia,
Jacob
que
tem 82 anos
e nunca
fez a barba

NUM dos últimos dias de 1944, juntou-se em Cambridge um grupo de portugueses, ali levados pelo desejo de assistir à cerimónia de doutoramento, em Filosofia, do engenheiro-agrónomo Raúl Cabral — que o «British Council» trouxe com uma «Bolsa de Estudo» a Inglaterra, prosseguindo, assim, na grande obra de aproximação entre os dois países.

Pelas ruas enlameadas dessa pitoresca Coimbra de Inglaterra — em que a chuva de inverno passa a vida a regar a relva dos campos que, no verão, servem de sala de visitas aos turistas apreciadores das suas milhentas relíquias — nada a indicar que daí a pouco se iam bacharelar e doutorar umas dúzias de estudantes, que, durante anos, por lá haviam queimado as pestanas em cima dos livros.

De facto, o único sinal de tal cerimónia surgiu, aqui e ali, uma meia hora antes da hora aprazada, quando começaram a passar, nas características vestes escolares dos grandes dias, os professores e alunos dos vários «Colleges», a caminho da Universidade.

À entrada, nem os gritos de «Viva o Japão» — que nas Universidades inglesas nunca se ouviram, e que hoje, com muito mais razão se não ouvem — nem o desusado movimento de gente em trajos domingueiros, que pelas ruas da Alta, na Coimbra de Portugal, se nota em idênticas ocasiões. Havia ali apenas uma grande quantidade de soldados americanos — que na Inglaterra aprendem, agora, o verdadeiro significado da palavra «Tradição» e uma quantidade de Mães, l-

(Continua na pág. 29)



O dr. Raúl García Cabral, no dia em que recebeu o grau de «Doctor» em Filosofia, com o vice-reitor da Universidade de Cambridge. A' direita, vê-se o escritor e jornalista António Pedro

UM «DOCTOR» PORTUGUÊS

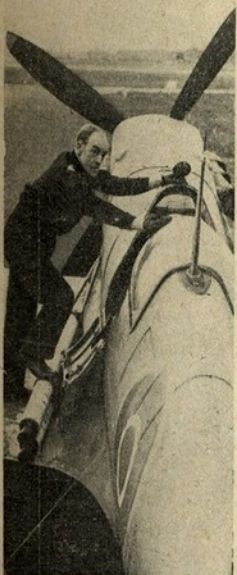


O novo «Doctor» em Filosofia, por Cambridge



O dr. Raúl García Cabral com os drs. Bernaby e Searle

REFLEXOS DO MUNDO



Um técnico da R. A. F. vai fazer experiências com os projecteis fabricados a partir dos Spitfires.

Uma nota dum naturalista

Diálogo entre dois ébrios.
 — Sabes que a fêmea dum crocodilo põe 179 ovos?
 — 179 ovos? — murmurou o outro. — Que importa?
 — Sabes — continuou o primeiro — que o crocodilo macho come 178 desses 179 ovos?
 — Come 178 ovos desses ovos? — tornou o segundo. — Que importa?
 — Importa-te tu — comentou o primeiro — porque se o crocodilo macho não comesse 178 ovos saberias muito de crocodilos.

(Leonard Lyons, *The New-York-Post*)

O sonho de muitos

O casal Robert Greenan, de St. Ives, Cornwall, vive na esperança de construir uma casa numa ilha dos mares do sul.
 O marido tem vinte e nove anos e acaba de ser licenciado pelo Exército. A primeira coisa

que fez após o seu regresso da frente de batalha foi deitar o seguinte anúncio no «Times»: «Quero fugir aos ruídos!».
 (De «*News Chronicle*», Londres)

A diferença...

Numa reunião particular das vedetas de Hollywood, a célebre Mae West, como de costume rodeada por um sem número de ouvintes, fez a seguinte declaração, após ter ingerido meio-copo de whisky:

— Não gosto de beber mas de vez em quando apeteço intoxicar-me.

(De «*The Stars*», Michigan)

Caruso Júnior

Eurico Caruso Jr., filho do mais célebre tenor de todos os tempos, também é cantor, embora a ópera não o atraia a despeito da sua bela voz de barítono.

Aluno do famoso professor de bel canto, Adolfo de la Huerza, Caruso Jr. ensaia o seu repertório acompanhado ao piano por sua mulher Helena.

Nascido em Florença, Eurico Segundo viajou com seus pais pela Europa e pela América.

É graduado pela Academia Militar de Culver, dos Estados Unidos, e bacharel em artes pela Universidade de Florença.



Não se sabe qual é a predileção do filho de Caruso com o que respeita à sua arte. Mas desde já se pode afirmar que ele não quer ser um Frank Sinatra!
 (De «*Illustrated*», Londres)

NAS RUINAS DE GOCH

Soldados ingleses e canadenses esmagam as últimas resistências alemãs em Goch

Saber viver

O capitão, nascido no Texas, para um grupo de soldados seus patrícios, na campanha do Norte de África:

— Temos que desenvolver relações de boa vizinhança com os nativos. É preciso contar-lhes anedotas, dispô-los bem, sorridentes e satisfeitos. Se, por exemplo, eles insistirem em que a África é maior que o Texas, deves concordar com eles!

(«*Fiel Beacon*», U. S. A.)

Quando se é criança...

A avó Emília tinha por hábito fechar-se no quarto a ler a Bíblia. Uma vez, o seu netinho, acompanhado dum amigo entrou no quarto para brincar.

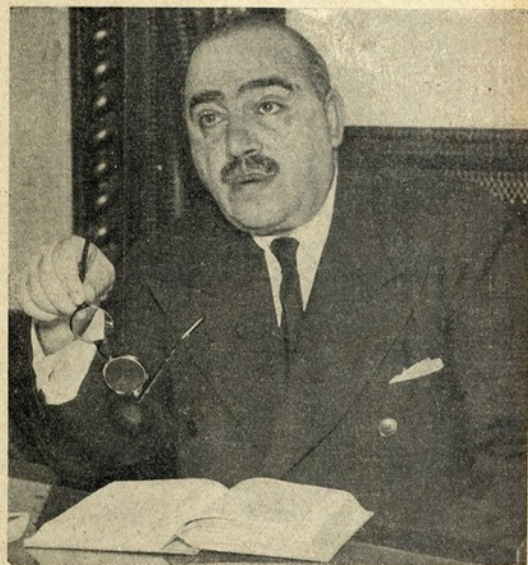
— Que! — murmurou o amigo do garoto. — A tua avó está sempre a ler?

— Sht!... — fez o miúdo. — Ela está a preparar-se para um exame.

(*The New Statesman*, Londres)



A princesa Alexandra, filha da duquesa de Kent, numa praia de Sussex



A convite da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o ilustre escritor e advogado sr. dr. José de Arruela realizou no Instituto Britânico daquela cidade, uma conferência, subordinada ao título «1580». No seu trabalho, de uma rara envergadura histórica e literária, o sr. dr. José de Arruela exaltou as relações luso-britânicas, que há séculos, numa fé indefectível, unem os dois povos



...aqui

AMÉRICA



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ONDAS	ONDAS	ONDAS	ONDAS
20.30	19,5	25,3	30,9	39,6
20.45	19,5	25,3	30,9	39,6
22.45				
às	25,3	30,9	39,6	49,6
28.15				

Ouçã o locutor JORGE ALVES às 22.45

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por Intermédio da B. B. C.
todos os dias das 19 e 45 às 20.00

Emissões diárias

OIÇA A VOZ da
AMÉRICA em MARCHA



HORTAS E POMARES



NÃO é preciso ter muita prática de horticultura para descobrir o papel desempenhado pelo químico na cultura dos produtos agrícolas.

Para adoçar o solo e torná-lo macio e fácil de lavar é necessário cal. A terra é preparada por produtos químicos especiais. Se o solo é pobre em alimentação para as plantas aplicam-se adubos equilibrados que têm atrás de si cem anos de pesquisas científicas. Os arruamentos são tratados com destruidores de ervas daninhas escolhidos para o fim em vista entre uma coleção que vai dos venenos mortais aos produtos inofensivos tanto para o homem como para os animais.

Hoje, estas coisas são tão comuns que raramente se pensa nos meses e anos de paciente trabalho nos laboratórios e fábricas que levaram ao seu desenvolvimento.

Porém, quando as moléstias aparecem, então, os êxitos do químico tornam-se mais evidentes. Não é um problema dos mais simples matar as pestes das plantas sem prejudicar a folhagem. Cada uma exige um determinado produto aplicado na concentração exacta, no ponto mais vulnerável do ciclo vital do parasita. Contudo, o químico tornou possível para qualquer curioso dominar tôdas as pestes dos insectos e doenças das plantas, que ele possa encontrar, fornecendo-lhe venenos estomacais para os insectos mordedores, produtos que matam pelo contacto para os sugadores, fumigatórios para extermínio em massa nos espaços fechados das estufas, caldas de óleo de alcatrão para aplicação no inverno para destruir os ovos dos insectos postos nas árvores de fruto, fungicidas para evitar o mildio, fumigatórios do solo e molhantes para espalhar as caldas pela folhagem a ser protegida.

É esta uma longa lista à qual a indústria química está constantemente a acrescentar produtos mais baratos ou melhores, embora um pequeno número de produtos seleccionados seja normalmente suficiente para conservar as sementeiras saudáveis e proporcionar uma colheita que seja o justo prémio dos esforços empregados nas pequenas hortas e pomares.



A química ao serviço do homem
IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES, Londres, Inglaterra

BANDEIRAS SÔBRE O RENO

por ARTUR PORTELA

JÁ flutuam sôbre o Reno, numa aleluia de paz, as bandeiras vitoriosas das Nações Unidas. Churchill, simbolicamente, percorre a desmoronada linha Siegfried e a França olha, com firmeza, a linha prateada do grande rio.

O tufão que assolou o velho continente perdeu a sua força. Nem sequer já tem a grandeza da destruição. Agora sente-se que a vida renasce e que este sol de primavera, doirado e quente, traz consigo uma grande esperança que, ontem, foi sonho e hoje, a cada hora, se converte numa realidade.

As bandeiras que flutuam em Colónia devem vêr-se de tôda a Alemanha. Chegaram ali, passarão ainda para além do rio magestoso, que não é um limite, nem sequer uma pausa, mas um caminho como qualquer outro, já bem perto do final da jornada. Esses estandartes gloriosos, presença de côr e de luz no seu significado, que se cobriram de esplendor nos campos de batalha, são mais de que um sinal humano — a vontade do destino, que sabe impôr a sua lei e a sua justiça.

Custou muito a chegar ali, seis anos de luta no mar no céu e na terra, mas agora a certeza é material e definitiva. Sôbre aquele balcão de água e de flores, a sombra de uma mão cobre o resto. Vê-se bem tudo, num longe que é já perto, como se o velho Reno, dos castelos roqueiros, das doces baladas e dos severos burgraves, reintegrado na sua legenda histórica, fôsse a janela à qual o espírito assomasse, respirando, enfim, livremente.

Oh, como os homens se odiaram! Como foi possível reduzir a humanidade à escravidão mais negra! Como se apagaram tôdas as estrélas do céu e tôdas as luzes da terra, profanando o templo, esmagando a beleza e cegando os olhos inocentes da vida!

Tudo isso como que acabou nas águas do rio tutelar que arrastam agora os destroços desse pesadêlo. A linguagem já é outra, não a da ameaça, do terror e da metralha, com que vencedores sem vitórias atroavam o mundo. É a do direito, idêntico para todos os seres e a da liberdade igual para todos os povos.

Bandeiras sôbre o Reno! Ele não será mais um rio de guerra, convulso e colérico, donde partiam as invasões da Europa mas, sim, um rio de paz, calmo e afectuoso, humano e simples, no qual uma criança poderá molhar as suas mãos, sem que lhe venham tintas de sangue.

Jâmais!



GEORGES BIDAULT ★

A visita a Londres do Ministro dos Negócios Estrangeiros da França foi coroada por um êxito completo. Essa visita era, há muito tempo, aconselhada pelos acontecimentos. E o facto dela se não ter podido realizar mais cedo contribuiu para complicar equívocos que se vinham a arrastar e para suscitar mesmo novos equívocos que a mais elementar prudência aconselhava a esclarecer rápida e lealmente.

O actual ministro dos Negócios Estrangeiros da França, adquiriu rapidamente, uma notoriedade justificada. Apesar de novo, impôs-se, de vez que entrou na carreira política, por qualidades de energia e de bom-senso e por atributos de visão e patriotismo que, mesmo antes de se iniciar esta guerra, já faziam dêle uma personalidade de primeiro plano. Professor distinto e jornalista de largos recursos, a sua doutrinação nacional e a sua inteligência para tratar os problemas internacionais chamaram logo para êle a atenção dos seus compatriotas.

Foi na direcção do «Aube» que Bidault pôde dar a medida da sua rara capacidade intelectual.

Basta lembrar as horas perturbadas de Munich em que a sua inteligência brilhante se pôs ao serviço da causa, do seu equilíbrio e de sua salvação, não hesitando Bidault em enfrentar, com uma coragem serena, a onda dos energúmenos, dos apaixonados que o caluniavam diáriamente.

A hora da resistência foi a hora que deu à justa medida de verdadeiro valor de Georges Bidault. A alma da França estava bem representada pela sua alma que não conheceu um momento de desfalecimento ou de desânimo. Bidault net não foi apenas o chefe reconhecido da resistência francesa. Foi o seu espirito em permanente vigília.

CRÓNICA INTERNACIONAL

DA CRIMEIA A S. FRANCISCO

DE 4 a 11 de Fevereiro os chefes das três grandes potências estiveram reunidas em Yalta. No dia 25 de Abril, as Nações Unidas vão reunir-se em S. Francisco da Califórnia. Que significam êstes dois acontecimentos e que vão passar-se no intervalo de dois meses e alguns dias que deve decorrer entre ambos? Ninguém tem dúvidas de que o mundo está a viver horas de significação e de repercussões históricas. Yalta e S. Francisco são nomes que ficarão a assinalá-las. Os dois meses que separam as Conferências serão os meses da decisão da guerra no duplo sentido de liquidar a luta nos campos de batalha e de preparar a paz na atmosfera das chancelarias.

Depois da publicação do comunicado oficial da Conferência da Crimeia, realizou-se uma sessão na Câmara dos Comuns, durante a qual o sr. Churchill expôs os resultados a que havia chegado com o presidente dos Estados Unidos e o presidente do Conselho dos Comissários russos, e o sr. Roosevelt dirigiu ao povo americano uma extensa alocução radiodifundida, em que fazia, igualmente, um relato pormenorizado do que se passara. A Grã-Bretanha e os Estados Unidos, embora por métodos diferentes, significaram aos seus dirigentes o aprêço com que o seu trabalho estava a ser apreciado.

A moção de confiança apresentada ao Parlamento britânico foi aprovada por unanimidade. A opinião pública norte-americana, por intermédio do Congresso e da Imprensa, manifestou-se também calorosamente. O caminho para a acção diplomática encontra-se, assim, desbravado. Entre a Crimeia e S. Francisco, os peritos com representação das grandes potências, incluindo a França e a China, elaborarão a letra do pacto da futura Sociedade das Nações, e os representantes dos vencedores devem começar a apreciar em 25 de Abril.

Compreende-se que o seu trabalho seja aguardado, por tôda a parte, com a maior ansiedade. É dêsse trabalho que depende o futuro da humanidade. É do sacrifício e do seu equilíbrio que depende o destino de milhões de vidas. É da visão e do senso político dos seus autores que dependem a guerra e a paz.

Os primeiros passos dados em Dumbarton Oaks, prosseguida em Yalta, destinados a encontrar o seu termo em S. Francisco são animadores. O primeiro escolho evitado foi o de integrar, como fizeram os negociadores de 1919, os tratados de paz no pacto do organismo de segurança. Esta precaução elementar é ditada pelos resultados lamentáveis que se verificaram com a inclusão do tratado de Versalhes na parte da liga de Genebra. Era um motivo de fraqueza permanente que acabou de demonstrar tôda a sua importância, quando os vencidos da primeira conflagração, procuraram utilizar em seu proveito o instrumento de colaboração que a sua derrota jera.

A criação de uma força internacional ao serviço da futura Sociedade das Nações constitui o segundo passo dado no bom caminho pelos vencedores desta guerra. Sabe-se que a falta dessa força tornou, entre outras razões, indiferente o mecanismo das sanções. Os povos que se preparavam para atacar os seus vizinhos indefesos sabiam que o organismo de segurança colectiva não tinha ao seu dispor o único argumento que poderia detê-los na senda que se propunham trilhar. Êsse argumento era a força. Só esta, na verdade, é susceptível de parar a agressão.

O OBSERVADOR

A Liga árabe

Os delegados dos árabes assinaram no Cairo o Estatuto da sua futura Liga Afasta-se, assim, a possibilidade de complicações no Próximo Oriente, zona tradicionalmente sujeita aos tufões internacionais. A formação da Liga árabe, à qual o Egito e o seu governo emprestaram um com interesse constante e uma atenção disvelada, coincide com o período de intensa actividade diplomática que se iniciou com a Conferência da Crimeia, e deve considerar-se como um dos acontecimentos mais importantes que estão a registar-se nesse período. O acôrdo entre as grandes potências favoreceu a sua criação e a sua viabilidade não deixará de se afirmar durante as negociações com que está a ser preparada a paz. É do maior interesse que o Próximo Oriente viva em tranquilidade. Por mais de uma vez a agitação que ali se tem registado está na origem de alguns episódios sangrentos cuja repetição é indispensável evitar. Seguindo-se à entrada da Turquia na guerra ao lado das Nações Unidas, a formação da Liga dos povos árabes é um elemento decisivo para a reconstrução da região nevralgia que fica entre o Mediterrâneo e a Índia.

O futuro da Alemanha

No seu discurso nos Comuns, o sr. Churchill afirmou que na Conferência da Crimeia haviam sido preparados todos os planos para resolver satisfatoriamente os problemas que, porventura, viessem a produzir-se em consequência de um colapso eventual da resistência alemã. São conhecidos os projectos dos vencedores em relação ao Reich, aos seus dirigentes e ao seu regime. Êsses projectos foram publicamente revelados e da sua leitura se conclui, com facilidade, que os ensinamentos dramáticos fornecidos pelos alemães depois da sua derrota, na primeira guerra mundial, foram aproveitados com oportunidade e com largueza.

Entre êsses projectos inclui-se a ocupação do território do Reich pelas forças militares da Grã-Bretanha, Estados Unidos, Rússia e França, e a sua administração por um período de tempo que não aparece fixado. A declaração do Primeiro ministro refere-se, claramente, aos termos com que essa ocupação e essa administração estão a ser preparadas. Delas depende, em boa parte, que volte ou não a haver guerra na Europa, durante os anos mais próximos.

MUNDO GRAFICO

Director: **ARTUR PORTELA**

Chefe de Redacção e Editor: **REDONDO JÚNIOR**

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Revista Quinzenal

Propriedade do Mundo Gráfico, L.ª

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10—Lisboa

PAGINAÇÃO DE **ROMEU MARQUES CARDOSO**

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O Lord Mayor de Londres apresenta ao Rei Jorge VI a simbólica espada de copos de nectar, durante uma visita à velha cidade, afirmando, assim, que entrega a sua autoridade ao monarca

COSTUMES ANTIGOS DE LONDRES

Londres, com sua história vinte vezes secular, é, sem dúvida, uma cidade de tradições. Quasi tôdas as cerimónias civis são revestidas de usos antigos, alguns simbólicos, outros unicamente pitorescos

É inevitável que uma cidade tão antiga como Londres tenha conservado numerosas tradições. Em todos os momentos, encontramos qualquer solenidade antiga representando os usos e costumes do passado.

Uma das mais conhecidas é, sem dúvida, a do Presidente da Câmara da Cidade de Londres, recebendo o Rei da Inglaterra nos limites da Cidade, a Temple Bar. Este costume, velho de muitos séculos, está envolvido em cerimónia tradicional. Os arautos que precedem o cortejo avançam e pedem ao Presidente da Câmara autorização para o Rei entrar na Cidade. O Presidente da Câmara, acompanhado por magistrados municipais e camareiros trazendo a sua espada e armas, todos em traje de cerimónia, entregam ao Rei a

espada da Cidade com a cruz de madre-pérola, significando que, durante a estadia de Sua Magestade o Presidente da Câmara abandona a sua autoridade. Durante a guerra, renunciou-se a esta cerimónia, mas o costume está, ainda, formalmente observado: quando o Rei pretende ir à Cidade para tomar parte nalguma solenidade, um dos oficiais da sua casa telefona do Palácio de Buckingham para Mansion House, residência do Presidente da Câmara, e pede autorização para entrar.

A Torre de Londres, a fortaleza cinzenta erigida num alto da margem do Tamisa, é tôdas as noites cenário duma cerimónia pitoresca, chamada Cerimónia das Chaves. É executada ao pôr do sol; o guarda principal apresenta-se à entra-



da, onde é interrogado pela sentinela de serviço que, antes da guerra, era escolhida entre um dos Regimentos da Guarda. Outra tradição observada na Tôrre e datando da época dos Tudors, consiste em guardar dois corvos mansos. Estas grandes aves pretas passeiam em volta das árvores dentro do baluarte da Tôrre, perto do local onde morava a família Tudor, cujo escudo tinha um côrvo.

O Presidente da Câmara de Londres é também o centro duma grande parte do cerimonial da cidade. Quando um novo Presidente é eleito, desempenha-se uma pitoresca cerimónia no Guildhall. O oficial porta espada, de luvas brancas, conduz o recém-eleito ao seu lugar, que é à esquerda do antigo Presidente. Os magistrados municipais com os seus trajos pretos e encarnados e as suas pesadas correntes de ouro, insígnias das suas funções, desfilam perante eles e cumprimentam o novo Presidente, sentado no seu trono, situado sôbre um estrado coalhado de flores.

Um costume encantador, associado ao cargo do Presidente da Câmara, e o que consiste em honrar a memó-

(Continua na pág. 29)

Os alabardeiros de Londres entregam às crianças as varinhas com que irão «bater» os limites da cidade. A cerimónia vem do tempo em que não havia cartas topográficas e se ensinava, assim, às crianças, onde começava e acabava Londres



Um vestígio da velha procissão dos antigos comerciantes de vinho, que eram precedidos por varredores, quando se dirigiam à igreja de St. James, de Londres. Esta cerimónia, que se realiza em 12 de Julho, ainda hoje conserva as suas características



A cerimónia das chaves
O traje característico de Lord Mayor de Londres





UMA DAS MARAVILHAS DO SÉCULO XX

ISTO é, incontestavelmente, bonito. Não se sabe bem se é uma flôr ou uma mulher — ou as duas coisas. A Venus de Milo, belo cânion de beleza helênica, empalideceria de despeito, ao comparar-se a tão maravilhosa escultura de carne. Êste galante cravo de paixão é a endiabrada Pat Kirkwood, que foi o espelho das multidões de Londres e que Hollywood acaba de contratar pela bonita soma de 250.000 libras.



COLÔNIA CONQUISTADA

Colônia, a mais importante cidade do Ruhr e centro vital da indústria de guerra alemã, foi conquistada. Os exércitos anglo-americanos estendem-se agora, ao longo do Reno, que já atravessaram em vários pontos, consor lidando-se fortemente na margem oriental. A grande cidade alemã ficou assim — como a fotografia mostra — orguendo-se intacta as torres admiráveis da catedral, ao contrário do que se disse. Os aviões anglo-americanos têm bons visores de bombardeamento...



A aviação das Nações Unidas ataca incessantemente, em raids cada vez mais gigantescos, as vias de comunicação da Alemanha. Um ataque à estação de Seltau, ao norte de Hanover. Por esta fotografia se vê a baixa altura a que os Mosquitos efectuam os seus ataques e como são efficientes os seus bombardeamentos

A hora H. Tropas canadianas, nas ruínas de uma aldeia alemã, esperam o momento decisivo para se lançar na batalha, que levou os alemães para a margem direita



A VITÓRIA DE UM EMPATE

No dia 11 realizou-se, pela 15.^a vez — oficialmente — um encontro de futebol entre as equipas representativas de Portugal e Espanha, com a assistência dos avs. Presidente da República, Embaixador de Espanha, general Moscardó, chefe dos Desportos em Espanha; Ministros da Guerra, Educação Nacional, Interior e outras entidades oficiais.

Foi o acontecimento que mais emocionou toda a população de Norte a Sul do país, deslocando-se à capital muitos milhares de provincianos ansiosos de assistir ao espectáculo de maior vibração em todas as camadas sociais e que uma grande maioria não conseguiu. Pena é que a organização apresentasse deficiências, que nada fazia prever, dada a forma como haviam sido organizados todos os serviços a quando da inauguração do Estádio Nacional. (a)

O resultado — um empate a duas bolas — correspondeu, em absoluto, ao desenrolar do jogo porquanto, se os espanhóis mostraram maior experiência, adquirida num profissionalismo cem por cento, os portugueses suprimiram essa deficiência com o seu entusiasmo, mostrando possuírem técnicas e uma vontade firme de bem corresponder à missão que lhes havia sido confiada.

Embora, a nosso ver, o team português não tenha reunido os melhores valores do futebol actual, todos os seleccionados se comportaram de molde a merecer sem restrições, os nossos aplausos. Os grupos alinharam: portugueses, Azevedo, Cardoso e Marques, Barrosa, Francisco Ferreira e Serafim, Espírito Santo, Quaresma, Peyroteu, Cabrita e Rafael; espanhóis Elizaguirre, Millan e Aparicio, Molero, German e Ipiña, Epi, Escobá,



A troca dos galardões entre os capitães das equipas, vendo-se ao fundo o árbitro

Finalmente, as rédes espanholas são furadas. O grande Peyroteu, marca o primeiro goal português, enganando o keeper, que se colocou à esquerda, enquanto a bola, enviezada, entra pela direita



Esírito Santo, como um tigré, lança-se num salto, defendendo uma bola de cabeça

Zares, Cesar e Gainsa. Arbitrou o suíço E. Scherz auxiliado pelos juizes de linha Vieira da Costa (português) e Pedro Escartin (espanhol), tendo marcado os goals, Cesar aos 21 minutos da primeira parte, Epi aos 13 minutos da segunda parte e Peyroteu aos 26 e 29 minutos da segunda parte.

Dada a importância do encontro, o «Mundo Gráfico» lamenta que a F. P. F. não tivesse cuidado de nos enviar os bilhetes de convite que são de uso em acontecimentos desta natureza, prejudicando, principalmente, a acção do nosso fotógrafo.

M. S. P.



Uma homenagem das mulheres da Beira aos nossos jogadores

(a) A grandiosidade destas pugnas desportivas comparadas com as deficiências de organização verificadas, justificam, plenamente, a intervenção das entidades oficiais para evitar abusos que a todos prejudicam em benefício apenas dos que aproveitam o entusiasmo alheio para uma exploração que o desporto não pode nem deve con-



A ACADEMIA REAL DE ARTE DRAMÁTICA

É tradição conhecida em todo o Mundo que o treino especializado deve ser dado em grande parte por artistas consagrados — que os do presente ensinam os do futuro. Isto aplica-se, principalmente, à Academia de Arte Dramática, por onde têm passado muitos actores ingleses célebres dos nossos dias e, também, muitos artistas de cinema. As irmãs Vanbrugh, Henry Ainley, Claude Rains, e muitos outros têm ensinado na Academia.

Entre outros estudantes formados ali contam-se o famoso actor shakesperiano John Gielgud (que antes da guerra representou «The Princely Dane», Hamlet, no castelo de Elsinore, na Dinamarca), Beatriz Lehmann, Celia Johnson, e muitas outras bem conhecidas figuras dos palcos de Londres.

Provavelmente, os mais conhecidos por todo o mundo são os estudantes que se dedicaram ao cinema, entre os quais, Vivien Leigh, Charles Laughton, Flora Robson e Roland Young.

A Academia foi fundada por Sir Herbert Beerholm Tree, em 1904, no Teatro de Sua Magestade, em Londres, e no ano 1905 foi transferida para Gower Street, onde ficou desde então. Os seus antigos membros incluíram grande parte dos dramaturgos ingleses dos nossos dias, Bernard Shaw, Sir Arthur Pinero, Sir James Barrie,

para nomear apenas alguns. Em 1920, foi concedida à Academia a «Royal Charter» e, em 1924, foi votado um subsídio anual pelo Parlamento, colocando-a ao lado do Colégio Real de Música. Um pouco mais tarde, Bernard Shaw fez um generoso donativo para a construção dum novo edificio. Esse edificio custou, pelo menos, 80 mil libras. Tem muitas salas de leitura e de ensaios, estúdios onde se pintam os cenários, um guarda-roupa e um teatro pequeno mas bem montado. Sua Magestade a Rainha, que tem um grande interesse por estes trabalhos, assistiu a representações especiais. Muitos artistas importantes assistem às representações que todos os anos a Academia organiza num teatro de Londres. Companhias de filmes enviam um «descobridor de talentos» e pode-se bem dizer que estas representações são um acontecimento anual na vida teatral de Londres. Antes da guerra, fizeram-se várias «tournées» à França; peças de Shakespeare, Sheridan e Goldsmith foram representadas nas grandes escolas francesas.

A Academia Real deseja ardentemente a renovação destas «tournées» e as visitas recíprocas do Conservatório após a guerra.

Em 1939, o número de estudantes baixou de 246 para 61. A gente nova que tinha deixado os

estudos estavam trabalhando para a guerra. Como os rendimentos da Academia ficaram ainda mais reduzidos pela suspensão temporária do subsídio do Governo, Bernard Shaw veio novamente em seu auxílio com um outro donativo. Mas a Academia Real tinha que sofrer ainda mais. Ao amanhecer de 17 de Abril de 1941, o teatro foi completamente destruído pelo inimigo, e a parte principal do edificio foi muito danificada. Não houve, felizmente, perdas de vidas, mas quatro estudantes e um professor ficaram seriamente feridos. O prejuizo foi avaliado, pelo menos, em 40.000 libras. Mas a direcção da Academia resolveu que esta permanecesse aberta, e o trabalho continuou na outra parte do edificio.

A decisão de continuar, mesmo em tempo de guerra, tomada pelo director da Academia, Sir Kenneth Barnes, foi muito sensata. As tradições de educação especializada não se podem quebrar sem grande prejuizo tanto para o estudante como para a organização. A reputação da Academia tem sido altamente classificada. As mais recentes e boas notícias foram que Sir Alexandre Korda deu 5000 libras para serem gastas na Academia Real em bolsas de estudos para homens e mulheres desmobilizados dos serviços e que mostrem, nos exames especiais, talento e aptidão.



O teatro da Academia destruído por um ataque aéreo em 1941. A parte principal do edificio também sofreu mas a direcção decidiu que o trabalho continuasse



Antes da guerra, tomava-se por vezes um teatro em Londres para as representações dos estudantes. O produtor Miss Beatriz Wilson, num ensaio geral



A Academia Real forma grande número de actores para a cena inglesa e também para o cinema. Esta é a peça «A rosa sem espinhos». Na extrema direita vê-se Margaret Lockwood, que era, então, estudante



Uma posição difícil «à barra». A famosa bailarina Phyllis Bedell ensinando dança na Academia Real. É uma tradição da Academia que os grandes artistas do presente ensinam os do futuro



Uma classe de mimica. Em adição a uma forte educação em drama Shakesperiano e moderno, a Academia ensina aos seus alunos agrupamentos em massa e a mimica para o drama expressionista moderno



A chegada de Sua Magestade a Rainha que vem assistir à «Matinée Anual» dos estudantes, sendo esperada pelo Director da Academia Real, Sir Kenneth Barnes



Representação da peça «She Stoops to Conquer». Foi interpretada pelos estudantes quando visitaram a França



Uma lição de Fonética, na sala de Georges Bernard Shaw, que também fez, em tempo, parte da direcção



Uma peça da época é vestida pelo guarda-roupa da Academia. É de esperar a reedificação da Academia Real, depois da guerra



Sintra está agora cheia de flores e de amores. Vê-se bem que chegou a primavera

SINTRA ENAMORADA



Plano americano, na vida e na fotografia. As bôças respiram melhor entre beljos brancos de amendoeiras em flor



O que se passa por detrás d'êste velho tronco de árvore que se deixa abraçar tão carinhosamente?

HÁ locais elegidos para o amor ou que, pelo menos, o surgem com mais perturbante beleza e sedutor encanto.

De resto, a mulher, como as estátuas, não vive apenas por si.

Precisa de uma atmosfera que lhe acentue a graça, que torne mais harmoniosos os seus gestos, e até mais profundas e doces as suas palavras.

Há olhos de ouro que se destacam mais num fundo violeta de montanhas como sucede a Gioconda, de Leonardo Vinci, assim como há sorrisos que só entre flôres desabrocham frementes de ansiedade e desejo. Nas grandes cidades, nos expressos de luxo, nos transatlânticos, o amor é feito de vertigem cinematográfica. Pode ser uma aventura, mas nunca é uma paixão, menos a'inda um romance. Contem desde logo, os germens fatais da separação o



Eva neste paraíso de luz, começa a sua romagem sentimental, de bicicleta. Cuidado, andam faunos pelos bosques!



O entardecer. As sombras melancólicas da tarde desenham-se no espelho dourado dos lagos. No entanto, a vida e a mocidade sorriem



Doas almas, que se unem na ascensão suprema de um grande sonho, Romeu e Julieta no seu eterno cântico de paixão

do esquecimento. Não passou; perpassou — é quando muito uma carta rasgada esvoaçando sobre as ondas, como as azas das gaivotas, um belo rápido num calis sujo e estranho a visão panorâmica duma urbe tentacular, onde a «mal amada» se perde no meio da multidão, sem deixar

sequer na mão que nos aperta aquela memória de perfume que se pode chamar: *elle reviendra!*

Jamais!

Os grandes amores precisam esconder-se, viver sósinhos, fechar-se no recato clumeto

(Continua na pág. 30).



Ele e ela. A mesma laranja chega para os dois. Como os gomos são doces e sumarentos!



Tarzan e a companheira, nas florestas encantadas de Sintra. De braço dado agora, perdidos para o mundo e fascinados de juventude



Um caminho romântico, florido e luminoso, que não lhes deve custar a subir. Quando se tem vinte anos para-se sempre, mesmo quando se tem uma bicicleta

A VITÓRIA APROXIMA-SE



NA LINHA DO RENO



Os Exércitos das Nações Unidas libertaram duas das mais lindas raparigas da Europa: Alsácia e Lorena. A Luftwaffe destruiu muitas cidades daquelas duas províncias, mas a garridice feminina não perde os seus direitos

O Reno foi alcançado. A artilharia do marechal Montgomery abre caminho a uma coluna de tanks que se vê, ao fundo, envolta numa névula de fumo, esmagando as últimas resistências esporádicas

ARMAS TRIUNFAIS

Nestas árvores nuas, já rebentaram as primeiras fôlhas da primavera. As granadas cortaram-lhe alguns ramos, mas elas silvam, agora, muito além, martelando, ininterruptamente, a margem direita do Reno



No seu avanço fulminante sobre o coração da Renânia, as forças das Nações Unidas têm feito muitos milhares de prisioneiros. Estes nazis, desarmados já, vão juntar-se aos outros que foram aprisionados neste sector da frente Ocidental



A libertação de Colmar. Tropas da divisão blindada francesa restituem à pátria uma das cidades mais queridas. A população recebe, entusiasticamente, os seus compatriotas, de que esta pequena alsaciana é o símbolo festivo



A infantaria canadiana conquistou a cidade de Cleve. Através das estradas, em sentidos contrários, passam tanks e refugiados



AS B-29 ATACAM O JAPÃO

As Super-fortalezas Voadoras, com um raio de acção de 4.000 milhas, despejam milhares de toneladas de bombas sôbre o arquipélago japonês e ilhas ocupadas

ÀS Super-Fortalezas voadoras B-29 pode chamar-se a maravilha aeronautica que esta guerra revelou. É, porventura, a máquina aérea mais perfeita, mais grandiosa, que saiu dos arsenais gigantescos das Nações Unidas, destinada, especialmente, à luta no Pacífico, devido às grandes distâncias que era necessário percorrer. Com os seus quatro motores de 2.000 cavalos e poderosamente armadas com metralhadoras e canhões, as super-fortalezas têm desenvolvido extraordinária acção nos seus raids esmagadores contra Tóquio e as bases japonesas, despejando milhares e milhares de toneladas de bombas. A elas se devem, em colaboração com as unidades das esquadras anglo-americanas, as esmagadoras vitórias das Nações Unidas contra o invasor japonês.

A magnífica fotografia que ilustra esta dupla página dá eloquente ideia do poder irresistível das gigantescas aeronaves.



As B-29 são as aeronaves mais poderosamente defendidas de quantos bombardeiros apareceram nesta guerra. As suas torres laterais, inferior e da cauda, têm metralhadoras de grande calibre e um canhão de vinte milímetros

O observador rádio-telegrafista, no seu posto. É o capitão E. R. Skelley herói da luta no Pacífico.

UMA FORMAÇÃO DE SUPER-FORTELEZAS DEIXA CAIR OS SEUS ROSÁRIOS DE BOMBAS SÔBRE AS BASES NIPÓNICAS DA FORMOSA



Lucília ou Rejane?



Quando ela tinha três meses



Menina e mãe, com 4 anos



Lucília e o seu irmão gêmeo



Espiritual como a Duse



Uma grande interpretação dramática

CORÔA DE GLÓRIA

AO contrário de quasi todas as coisas, arte é a única manifestação superior que troça do tempo. Este não a envelhece — eterniza-a. Nem todos os artistas, porém, possuem o segredo de tornar imortaldora a chama criadora da arte.

No teatro, então, para que essa eternidade se revele torna-se necessário que o talento seja manifestação obediente da moda.

Lucília Simões, a grande comediante, foi quem nos sugeriu as linhas preliminares que acabamos de escrever. Com efeito não são muitos os exemplos a apontar na ingrata glória do tablado. A inconsciência das multidões, lembra um tanto a insaciabilidade das crianças; ou o conceito do poeta: «ceci tuera cela».

Lucília Simões e a sua arte parece terem resistido ao simile e à sentença.

A sua arte tem evoluído sempre numa ascensão. De há muito que esse caminho luminoso vem a ser percorrido pela gloriosa-artista. De

há quanto? Se bem nos lembramos Lucília ter-se-ia estreado no teatro em 1895, em Coimbra. Desempenhava o papel de «D. Maria de Noronha», no drama de Garrett, «Frei Luis de Sousa», ao lado de seu avô o actor Simões, que interpretava na peça o «Telmo Pais».

Depois de essa revelação — ainda Lucília era menina — a sua carreira de grande comediante, marca uma das mais notáveis vocações.

Lembram-se ainda pessoas que, com verdade, já não podem ser consideradas jovens, dos seus admiráveis triunfos na árdua e difícil arte de representar.

Ninguém como ela interpretou as complexas personagens de Ibsen, onde qualquer artista vulgar naufraga. Pois Ibsen não é discursivo nas suas obras teatrais. Contrariamente, pela porção de humanidade que pôs na alma das suas figuras, era sucinto e conciso para ser profundo. Por isso, só um temperamento criador e uma vasta cul-

(Continua na página 29)



Teatro também tem realidade: Lucinda e Lucília



Uma sogra impertinente de «O outro eu»



Uma admirável cena de ternura



Lucília nas «Rosas de todo o ano»



Era esta a Lucília das «Fogueiras de S. João»



Quando fez o «Fauteuil 47»

FOTO-CRIME

A MORTE DE UMA ESTRELA



O caso começou quando Fletcher Lucas entrou, impetuoso, no quarto de vestir de sua mulher, artista de teatro, após uma matinée, e quis uma reconciliação. Legalmente separada do marido, Glória — estrela da revista «Melody Lane», êxito dos palcos de Londres — recusou, terminantemente, a proposta do marido; mesmo assim, Fletcher eu-lhe 48 horas para mudar de opinião... E jurou que a mataria, caso ela tornasse a recusar a sua proposta.

Três dias depois, Glória Lucas foi encontrada morta na sua residência. Indiciando o frasco de sais aromáticos que se encontrava no chão, junto da mão de Glória, o agente da polícia Blake declarou ao inspector Cobbe: «Uma invenção diabólica! Alguém doseou os sais com cianídrico. Bastava uma ligeira aspiração para ser fatal!»



USANA, a criada de Glória, informou: — «Ela entrou-se naquela cadeira quando regressou do teatro e queixou-se duma dor de cabeça. Em seguida, retirou o frasco da carteira, levou-o ao nariz e desmaiou num repente. Não toquei em nada». O inspector Cobbe observou o corpo e o posento sem achar coisa alguma de especial.



NO dia seguinte, Cobbe procedeu à acareação de Fletcher e da modista de Glória; ficou a saber que o primeiro se demorara alguns minutos no quarto de vestir de Glória, na noite anterior ao espectáculo; soube também que Glória costumava deixar a sua carteira, sobre a mesa do quarto. O Fletcher declarou a Cobbe: «Decidira não esperar por minha mulher. Evidentemente, não me lembro de ter visto a sua carteira.»

A QUEM SE PODE ATRIBUIR A CULPA?

(VER A SOLUÇÃO NA PÁG. 30)

O dia 3 de Março foi assinalado por um acontecimento de maior importância para a decisão desta guerra. Com a autoridade especial do seu cargo, o comandante chefe das forças aliadas na frente ocidental declarou, oficialmente, que, como sistema defensivo, a linha Siegfried deixara de existir. As consequências desta declaração não deixarão, certamente, de se fazer dentro com rapidez.

A luta militar na Europa entrou na última fase. O acordo estabelecido em Yalta para a sincronização da actividade dos exércitos aliados nas várias frentes de batalha, começou imediatamente a produzir os seus efeitos. Dada a impossibilidade de realizar, numa luta que se estende a todos os continentes e a todos os mares, uma solução semelhante àquela que foi encontrada em 1918, em Doullan, e da qual resultou a escolha de Foch. A colaboração activa dos Estados Maiores e dos seus delegados continua a ser a fórmula mais adequada para resolver, satisfatoriamente, as dificuldades estratégicas. O exemplo da colaboração anglo-americana, agora alargado ao conjunto das operações contra a Alemanha constitui um precedente digno de ser seguido e cujos resultados estavam bem patentes há algum tempo.

A colaboração anglo-americana, assegurada pelo Estado Maior misto que tem funcionado em Washington, foi alargada à frente leste e o comandante chefe das forças anglo-americanas na área do Mediterrâneo, marechal Alexander, visitou os chefes militares russos e iugoslavos com o mesmo fim. Trata-se, portanto, de realizar rapidamente os projectos de largo alcance concebidos em Yalta para apressar o termo da guerra e liquidar a resistência armada no interior do Reich. Depois das vitórias alcançadas, a leste, com a batalha do Vístula e depois com a penetração soviética até ao Oder, a frente ocidental movimentou-se. A experiência de Montgomery e a sua visão de soldado formou, mais uma vez, um dos trunfos decisivos na batalha.

A liquidação da linha Siegfried e o estabelecimento do domínio aliado sobre o Reno foram consequências inevitáveis do primeiro assalto dos aliados. É possível, como declarou o secretário de Estado Stimson, que os alemães organizem novas linhas de resistência. O exemplo de que se passou depois da segunda batalha de França e da contra-ofensiva de Rundstedt, em Dezembro, leva naturalmente o comando aliado a proceder com a cautela que tem evidenciado em empreendimentos anteriores. Mas a retora da linha Siegfried e a passagem dos alemães para a margem direita do

A LINHA SIEGFRIED DEIXOU DE EXISTIR



O exodo dos alemães para fugir às zonas de guerra. Os habitantes do Reich encontram nos soldados das Nações Unidas a protecção que merecem e a sua condição de civis



Este soldado inglês, com a sua arma, domina, por completo, a rua principal da cidade alemã de Goch, incontestada na linha Siegfried, que já foi reduzida à impotência

Reno justificou amplamente o aviso dirigido pelo general Eisenhower à população civil tentada a acompanhar as forças alemãs em retirada. «A Renânia e o Ruhr disse o comandante chefe, estão sob o fogo de artilharia pesada dos aliados».

Trata-se, efectivamente, de uma reviravolta espectacular no curso dos acontecimentos. Foi nessas regiões que os alemães estabeleceram o trampolim armado que lhes permitiu atacar, com êxito, no ocidente há quatro anos e meio. Era ali o coração da máquina de guerra alemã e era de ali que partiam todas as iniciativas que se traduziam, invariavelmente, pela invasão e pela ocupação da França da Bélgica, dos Países Baixos. Mas não foi apenas uma reviravolta na situação militar que se operou. Não foi apenas um êxito estratégico de primeira ordem que se alcançou. Foi todo o sentido da guerra que se transformou: todo o seu simbolismo que se alterou. Porque a Renânia e o Ruhr sob o fogo dos canhões aliados, o que equivale a dizer com o curso do Reno dominado e com os altos fornos apagados, é o fim da guerra à vista.



Montgomery, o vitorioso, num «jeep», em território alemão. Repare-se como a estrada está atulhada de material, tendo-se estabelecido três linhas de tráfego



Nos navios de escolta, os homens velam pela segurança do «combóio»

GENTE DO MAR

(WESTERN APPROACHES)

PRODUZIDO pela Crown Film Unit e inteiramente filmado em technicolor, **GENTE DO MAR** (Western Approaches) conta a história de vinte homens, sobreviventes de um navio mercante afundado que, durante catorze longos dias e noites, erram ao sabor das ondas, e são salvos depois de peripécias emocionantes.

O brutal realismo deste filme dará ao público uma idéia do heroísmo dos homens da marinha mercante que, mesmo nos mais negros dias da guerra submarina, nunca vacilaram no cumprimento da sua grande missão de conservar abertas as linhas vitais da Inglaterra.

Dois factos raros distinguem «Gente do Mar» de todos os outros filmes do género: quasi todo o filme foi feito em pleno Atlântico, longe do ambiente artificial dos estúdios e todos os intérpretes, que são autênticos marinheiros, homens que nunca antes tinham enfrentado uma máquina de filmar, arrebataram as plateias mais exigentes com a inesquecível sinceridade que puseram nas suas interpretações.

«Gente do Mar» traz a assinatura de Ian Dalrymple, nome célebre no cinema mundial, ao lado de outra que aparece pela primeira vez na direcção de um filme de responsabilidade: Pat Jackson. O êxito de «Gente do Mar» foi tão extraordinário que este jovem realizador é, hoje, proclamado em Inglaterra como um dos maiores valores com que conta o cinema britânico.



A bordo do salva-vidas, os naufragos, esgotados pela prolongada vigília, dormem. Só o timoneiro está no seu posto



Mas o submarino inimigo é, irremediavelmente, afundado. Antes da partida do «combóio», o comodoro dá as últimas instruções aos comandantes dos navios mercantes



DE AURORA JARDIM

VEM AÍ O CALOR!

A moda evoluciona muito lentamente, no entanto, há pormenores que acentuam novas directrizes.

A primeira é marcada pela roda nas saias, largura que se obtém por meio de franzidos, pregas, drapeados, godets.

Os corpos ou são género camiseiro, com pequena gola e bandas, ou, então, são decotados em redondo e em quadrado. Desta vez, é que parece ser certo acabar a sujeição ao fechado até ao pescoço. Sem exagero, um bocadinho de decote em bico ou quadrado ou oval dá certa graça.

Continuam os *empiècements* contornando os ombros e as mangas quimono e raglan.

O *tailleur* clássico faz-se em tecido o mais fantasista possível e com tecidos lisos adoptam-se feitiços menos sóbrios e guarnições várias, do bordado à incrustação.

A *petite robe* de anforina é a mais própria da estação; guarnece-se com piqué ou antílope e botões metálicos em fantasias diversas: corações, lemes, peixes, âncoras... sobretudo motivos marítimos e aeronáuticos.

Os casacos ou são cingidos ou soltos — depende do gosto... e da balança.



Um casaco e um regalo, de peles, que são uma tentação. É um modelo do Harper's Bazaar

Luta de chapéus

Dos Estados Unidos vem o brado:

— Usam-se os chapéus pequenos!

De França chega o grito:

— Usam-se os chapéus grandes!

Que fazer?

In medio virtus — e, assim, com um que não seja nem muito grande nem muito pequeno nós estaremos sempre bem.

Ainda se vê o turbante que, em Paris, parece ter, lá dentro, a mobília completa de uma casa de família.

Em Inglaterra, as copas são altas, mas não demasiado, pois, como o traje preferido é o *sãia-e-casaco* simples, êle não se coadunaria com chapéu de grande imaginação.

Vê-se muito a boina em sêde, completamente franzida, tendo, como enfeite, apenas um *allinete* de ouro ou uma fantasia engraçada.

Há também um chapéu cuja aba abre à frente, parecendo ficar com duas orelhas de elefante, dos lados. Não se pode dizer que seja muito elegante... nem mesmo há a desculpa de se dizer que é moda, hoje que nada o é, oficialmente — e tudo se usa.

Qual é a sua cor preferida?

Mesmo sem o saber, há cores pelas quais somos influenciados.

Para dar calma aos jogadores é que os bilhares são verdes; nas casas de saúde, a cor azul é considerada repoussante.

Côres que lhe convêm no vestuário:

— Se estiver cansada e tiver que prestar ainda qualquer serviço, escolha o encarnado; se estiver nervosa, prefira o azul; se triste, vista-se de branco.

Côres que lhe convêm na habitação:

— *Quarto de dormir*: lilás, azul, verde. As pessoas sãdías lucrarão com o amarelo.

— *Quarto de crianças*: raparigas: azul e branco que favorece o sono e dá vivacidade; rapazes: verde com amarelo e branco, que apazigua.

— *Sala de jantar*: vermelho leve, cor de tijolo ou de laranja — excitam o apetite e favorecem a assimilação pelo calor que desprendem.

— *Cozinha*: verde claro: fresca, sossego, ajudando a trabalhar com ordem.

— *Sala de visitas*: amarelo dourado, que imprime equilíbrio, harmonia e afabilidade.

— *Escritório*: verde, cor que proporciona boa disposição e equilíbrio.



Vestido de noite, preto, de elegância requintada, também do Harper's Bazaar



Swing
nally

UM PERFUME MODERNO

APA

O fato e o pudor

ALGUNS conspícuos indivíduos, por hábito contraído, confessam perante estranhos a pureza dos seus instintos. Quer dizer: que nunca praticaram pecados.

Quem assim procede deve ser supinamente ingênuo supondo que os outros são de tal modo inocentes que o acreditam. Ainda se fôsse quando deus andava pelo mundo, compreendia-se...

As hipotéticas vestes paradisíacas, apesar de agradáveis, no Estio, está bem de ver, de há muito que caíram em desuso. A não ser nas praias ou nos salões elegantes. Mesmo assim, as pessoas que usam resumidas roupas não são as que vivem na plena graça de pudicos moralistas. Contudo, esquecem-se de que Adão e Eva andavam nus e foram mercedos do Paraíso.

Nos nossos dias qualquer mortal que tivesse a idéia de despojar-se do vestuário em qualquer lugar tido por decente o menos que lhe aconteceria era ser preso por imoral.

Já com as senhoras não sucede o mesmo: quando são jovens e elegantes quasi se desnudam, se tomam parte num baile... Não vá a má língua julgá-las ridículas por excesso de roupagens.

E há até, quem, por espirito chocarreiro, diga que quanto mais nuas se apresentam mais bem vestidas estão!...

Costume trabalho

ESTE pintor não conhece a técnica das tintas; o romancista tal pôs fantoches em vez de seres humanos nos seus romances; aquêle jornalista expôs num artigo o problema ao contrário.

Estas sentenças qualquer as pode ouvir nos centros aleluados de intelectuais.

Quem as profere? A mór das vezes pessoas cuja obra literária ou artística, é inexistente. Isto é, pessoas que nada fizeram, nada fizeram e nada esperam fazer!

A este descuidoso comentário vem a talhe de foice o dito de um ironista: «aos indivíduos que nada fazem, o trabalho alheio deve-lhes dar muito que fazer».



«A Cadeira», quadro do distinto pintor Aires de Carvalho, que foi muito admirado na sua recente exposição

ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO



Uma nova prática desportiva que poderia chamar-se «paquidermismo»

ANTÓNIO PATRÍCIO

ANTÓNIO PATRÍCIO, se não fôsse a generosidade de um ou outro espirito superior a relembrar a sua surpreendente obra de poeta, seria hoje um dos nossos muitos esquecidos. Ensina-nos o tempo que o individuo humano nunca foi pródigo em compreensivo entendimento de gratidão.

Em nossos dias, porém, parece que esse atributo não é coisa recomendável, muito em especial, para aqueles que pretendem obter efêmera gloriola conjugando-a com um refestelado bem-estar.

O poeta que escreveu «As mãos cortadas», poesia que impressiona até ao pranto, tal o seu poder de beleza humana e trágica, deveria ser mais lembrado. Não diremos pela fama superficial do vulgo; mas por alguns actuais escritores, se estes não andassem tão empenhados na sua própria consagração.

Fernando de Araújo Lima, cuja obra é espelho do seu elevado pensamento, é dos raros escritores que seguem o conceito de Ruskin: sente a alegria de admirar.

É notável o seu estudo crítico agora publicado acerca de António Patrício. Esse belo livro, pelos elementos que contém, pelo desenho que o seu autor traça da figura intelectual do poeta, pelos ajustados comentários, pela análise e ainda pelas notas inéditas que encerra, é um trabalho sério e completo. aliás, único até hoje escrito sobre o fascinante poeta do «Oceano», e inimitável prosador do «Serão inquieto». Sendo uma obra de justa exaltação não vale apenas por essa virtude, recomenda-se, igualmente, pela profundidade dos juízos emitidos, o que, quanto a nós, não é moeda muito em curso nos tempos decorrentes.

Não tem esta simples nótula a antipática pretensão de estabelecer sentença imutável acerca da admirável obra de Fernando de Araújo Lima. Todavia, ficaríamos de mal consoço se não afirmássemos, gostosamente, que António Patrício teve em Fernando de Araújo Lima o seu justo, compreensivo, imparcial e brilhante biógrafo.

E quando um escritor exalta tão nobremente a memória de outro, quem assim procede, também se dignifica perante o mundo da inteligência e da justiça.

Livros da quinzena

«Grandes dramas judiciários»

SOUSA COSTA continua no seu constante labor de homem de letras, dando à nossa literatura e à História obras que, pelo seu valor e interesse, assinalam o talento literário do escritor.

O segundo fascículo da obra monumental «Grandes dramas judiciários», que Editorial «O Primeiro de Janeiro», vem publicando, constitui um valioso documento histórico. Não apenas pelos raros pormenores e o cadentes da época, mas, também, pela atraente descrição literária.

Toda a tragédia que convulsionou o período pombalino, é impressionantemente evocada neste tomo: a morte do rei D. José, a demissão do Marquês, o seu desterro, e outros passos trágicos que ensanguentaram essa época servem de tema à obra notavelmente valiosa, que tem ainda a valorizá-la numerosas gravuras reproduzindo muitos desenhos antigos e quadros de autores célebres contemporâneos,

«O Mestre dos Cozinheiros»

EM cuidada publicação de Edições Universo, acaba de sair um curioso e, principalmente, útil volume, cujo título tentador hoje em dia é já de si convidativo.

Chama-se esse livro «O mestre dos Cozinheiros, da sr.^a D. Maria de Saavedra».

O título, como vêem, é do maior interesse para os «gourmets».

No que se refere, porém, à «matéria-prima» para a confecção dos apetitosos e variados manjares enunciados no recetivário, isso é problema de outra ordem — já não é com Vatel, é com a sr.^a Economista.

Sim, porque a inteligência, no presente, tem fundas e amistosíssimas relações com a função das viceras digestivas!

Pelo menos é o que alguns maldizentes afirmam — mas nós pomos em dúvida que assim seja!...

A PRIMAVERA VOLTOU

de EUGÉNIO VIEIRA

No vasto jardim, terraplanado à beira-mar, quasi junto às ondas, sentado, um par discreto conversa, cheio de mocidade e de sonho, em terno embevecimento. Ela é loira e éle moreno. Éle é alto e ela meã, e, no magnetismo de seus olhares, como no encanto de seus sorrisos, nota-se que um para o outro os talhou a Natureza, aproximando-os pelas leis da afinidade e do contraste.

— «Josina! — diz éle. A Primavera vem e com ela voltam os teus sorrisos. Ainda bem!»

E, ao redor daquele par, flexíveis, coloridas e buliçosas ao sópro da brisa, agitam-se as flores.

— Eduardol — responde ela — Como eu sinto enfim que as forças voltam e que a vida é uma cousa sublime! Afinal, quero viver, eu que desprezara a vida, sim... quero viver por tí!

— A vida é a vida — lhe diz éle. É isso apenas. Não se define... De resto, a maior característica da beleza, da sublimidade, se assim o queres, é a indefinição, o sonho.

— O sorriso da Gioconda, não é? Uma réstea de luz doitada atravessando o azul do céu ou as ondas azulinhas...

— Dizes bem, Josina, mas não é apenas isso. A vida é um concerto de beleza e harmonia, onde alternam o riso e o pranto, a alegria e a dor.

— Sempre filósofo — vamos! — lhe diz a bem-amada.

— E, porque não? Não será digno o amor de juntar-se-lhe um ríma, uma proposição que envolva filosofia?...

— Creio bem que sim. Creio até meio: acho-o digno de juntar-se-lhe um sópro arripiante de sofrimento, que pode resumir-se por esta imagem: «num lago espelheiro de pura alegria, um agitado sópro de dor e de máguas». Quando te foste, quando inesperadamente me deixaste, quando eu principiê morrendo para a vida — eu, que mal ainda a principiara a conhecer! — sofri, sofri tanto!...

Enquanto assim falava o par amoroso, no próximo lago soava em brando repuxo a água, em murmúrios doces como afagos, e, por sôbre as flores tremulavam, nas suas asas leves, as borboletas, como flores vivas, nadando no azul do céu.

— Sofreste — reatou éle — e eu também sofri, e sabes porquê? Porque, apesar de ausente, vi sempre a tua imagem, no mesmo tom, a mesma côr, e, talvez ainda mais interessante. Não acreditas?

— Que côr? — perguntou ela, num como vaço aneio, o olhar posto nos longes, como se lá estivesse ainda o homem que via ali tão próximo, o seu querido...

— Que côr?... Eu te digo: uma côr diferente de tôdas as que conheço, uma côr de... indefinição, doce e misteriosa... como direi?... Talvez a côr da saúde e da esperança».

E, enquanto assim fala, o jovem que sonha, porque ama, pipilam ao seu redor as aves; zumbem abêlhas; perpassam, vestidas das mais gerridas côres, as libélulas, e, no lago transparente agitam-se rubínios e doirados peixes.

E, firmes, erectos como taças excentricas, graciosas, aprumam-se os grandes jarros brancos, cujas corolas se apresentam como encastoadas em hastas de lustrosas esmeralda, verdes. E, o olhar no olhar, e, às vezes, as mãos nas mãos, o tempo passa rápido, o tempo foge e os sonhos vóam no azul, como pombas segradas ascendendo à luminosidade do céu.

— Mas... porque me deixaste, porque não voltaste depressa, correndo para mim?

— Sei lá, sei lá! Talvez para misturar na alegria de amar um tanto de sofrimento, talvez para com isso aumentar mais o prazer de ver-te e a alegria de te amar, quem sabe?... Sabemos lá bem, que estranho sabor tem a mistura da alegria com o sofrer!...

Assim falando, Eduardo, empaldecia, vendo-se bem, no seu rísto, que as tintas do amor ali se misturavam com as da mágua, tão certo é que alegria e tristeza podem ter a mesma origem, e que de comum origem podem ser o sofrimento e o amor.

— Tens razão no que dizes — lhe disse ela num rubor — mas eu desajaria ser sempre alegre, sempre feliz a teu lado, sempre b-mquerida, e tu quebraste o belo sonho, esta ância de amar, de viver. E, não sei, não posso compreender como com êste doce sentimento pudeste misturar a amargura que eu sentis, que me consumia não te vendo, êste aneio de amargura, que era e é ainda, a um tempo vida e morte!

— A morte e a vida entrelaçam-se como ramos da mesma planta, unem-se como pétalas da mesma flor; a morte e a vida são duas aves nascidas no mesmo ninho — disse Eduardo em ar taciturno mas doce, e, em meditação, completou: a morte e a vida tem a mesma origem. Talvez que não haja viver nem morrer, mas apenas existir eternamente em várias modalidades, no conjunto do Universo, na eterna transformação do ser... Se a vida é um cântico de alegria, há alegrias megoantes. Quem poderá dizer que a morte, bem encarada, não seja uma pungente mas doce alegria!...

LAMINAS

A melhor, mais rápida e mais suave forma de barbear — é a que garantem as Lâminas Gillette Azul ou Gillette Dourada, a um preço mínimo. Os fornecimentos do mercado são agora mais abundantes, mas há ainda certas restrições na produção



GILLETTE

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º, LISBOA

Ao ouvir tal, arrazaram-se de água os olhos de Josina.

Num canteiro, defronte, vestiam sua rôxa túnica os lírios. As andorinhas, com suas asas pontesgadas, elásticas e velozes riscavam o azul, enquanto outras, suspensas dos fios telegráficos ou pousadas nos beirais chilreavam, soltando as notas agudas da vida na partitura da Natureza.

Então, notando as lindas avesinhas, ela disse:

— Olha, não vês? Voltaram as andorinhas! Lembras-te? Era assim, no dia em que foste! no dia em que,

(Continua na pág. 30)

Anuncial no
MUNDO GRAFICO

**UM DIA
ESTRAGADO POR CAUSA
DO ESTÔMAGO**



—Perdido o Domingo a chorar, a discutir com o António a propósito de tudo e de nada — escreve ela à amiga. Mas o médico e amigo do casal disse-lhe que o mau humor do marido tinha por causadora a má digestão: — Uma pequena colher de Magnésia Bisurada no fim das refeições e logo volta o bom humor. Ficou radiante. Já há mais tempo que deviam ter pensado na Magnésia Bisurada! A venda em tôdas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 15\$00 e 23\$00.

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

El vendem em tôdas as farmácias e drograrias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



Um "Doctor" português

(Continuação da página 2)

mãs, Noivas e «Sweet-hearts» que iam felicitar «In loco» os celebrados.

A cerimónia foi simples e rápida, lembrando a todos os presentes que estamos ainda em guerra.

E, como estamos ainda em guerra, quando tudo se produz em série, o Reitor da Universidade produziu, nuns três quartos de hora, mais uma grande série de «Bachelors», «Masters» e «Doctors»; e como estamos ainda em guerra, muitos deles compareceram à cerimónia envergando os uniformes da Armada, do Exército e da R. A. F.

Mas a nossa atenção prendeu-se, naturalmente, a um «neutro» que de Portugal viera há anos, como bolseiro do «British Council», para o «Emmanuel College», onde ia alargar os seus conhecimentos no campo da Botânica. E com tal soma de trabalho e inteligência o fez, que ao regressar agora a Lisboa, já pode

mandar imprimir assim os seus cartões de visita:

Dr. Raúl Cabral — Engenheiro-Agrônomo pelo Instituto Superior de Agronomia, em Portugal — Doutor em Filosofia pela Universidade de Cambridge, em Inglaterra.

COSTUMES ANTIGOS

(Continuação da página 8)

ria do maior historiador de Londres, John Stow. Morreu em 1605 e está enterrado na igreja de St. André Under-shaft, Leadenhall Street, em Londres. Cada ano, no dia mais próximo do aniversário da sua morte, celebra-se o officio comemorativo, durante o qual o Presidente da Câmara põe na mão da estátua de Stow uma pena de pato encarnada. Isto comemora o facto de que John Stow morreu quando estava redigindo o seu testamento em favor dos pobres de Londres, e, quando morreu, a sua pena estava ensanguentada.

Uma das mais célebres igre-



NIVEA

para o cuidado da pele

Os primeiros olhares são para o rosto e para as mãos; evitai pois a vermelhidão e o agretamento; conservai a pele lisa e macia usando diariamente o CRÈME NIVEA.

Usar o CRÈME NIVEA não constitui um luxo, pois que pode obter-se a partir de 4\$00.

Neste período de intemperies é indispensável prevenir friccionando a pele com CRÈME NIVEA, principalmente à noite antes do deitar.

Preço desde 6\$00

Depósito
FESTANA, BRANCO & FERNANDES, Lda
Evo das Sapateiros 39 1/2 - LISBOA



jas de Londres é a de Santa-Maria-le-Bow, mais conhecida pelo nome de Igreja de Bow. Os seus sinos fazem parte integral das tradições e do folclore londrino, a tal ponto que são cantadas nas canções de embalar, tal como Dick Whittington, que voltou para trás e chegou a ser, como diz a canção e o confirma a história, quatro vezes Presidente da Câmara de Londres, no século XV. Nesta igreja, faz-se uma cerimónia quasi tão antiga, mas menos conhecida. Cada ano, no mês de Agosto, prega-se um sermão para comemorar a destruição da «Invencível Armada» em 1589.

Ao pé da Ponte de Londres, encontra-se o bairro onde vivia Shakespeare, e que se chamava, então, Bankside. Todos os anos, o costume quer que a memória do grande Will seja celebrada no bairro de Southwalk, que engloba o antigo bairro de Bankside. Esta comemoração tem lugar sob a forma de um serviço religioso celebrado na catedral de Southwalk, no sábado mais próximo

ao aniversário do nascimento do poeta. Cênas das suas peças são, depois, representadas no pátio da estalagem de S. Jorge, uma das últimas estalagens do tempo da Rainha Elizabeth, ainda existentes em Londres. Estas representações realiza-se sobre uma carreta de Thespis, puxada por cavalos, e o cenário segue escrupulosamente o que era empregado durante a vida do poeta. os sinos durante horas e horas".

CORÔA DE GLÓRIA

(Continuação da página 13)

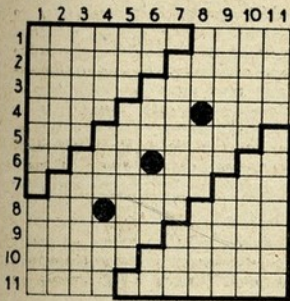
tura compreensiva, poderiam dar relêvo e verdade aos tipos humanos do enorme dramaturgo escandinavo.

Pois esse milagre de arte — e com que fascinação! — realizou-o a grande interprete da «Magda».

Creemos ter sido Lucília a primeira, senão das primeiras actrizes, que se abalancou à tarefa bem difícil de dar vida e realidade ao mundo multiforme e profundo que existe na obra do autor da «Casa da boneca».

Ainda hoje, a grande come-

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 105

HORIZONTAIS

- 1 — Lembrete triste e suave de um bom passado ou do que se está privado — Caruagem.
- 2 — Adopta pessoa de maior idade — Entêdo.
- 3 — Flutuê — MAJOR-GENERAL AMERICANO QUE O PRESIDENTE ROOSEVELT ULTIMAMENTE NOMEOU EMBAIXADOR NA CHINA.
- 4 — Mar também chamado do Arquipelago — Doença — Patrão.
- 5 — Intenção — Calcaria.
- 6 — Preposição e artigo — Divindade mitológica que representava a natureza — Porcos — Pôpa.
- 7 — Inventar — Possuir.
- 8 — Acredita — Brincas — Lavar.
- 9 — GENERAL COMANDANTE DO 1.º EXÉRCITO AMERICANO, DE QUE FAZ PARTE A 114.ª DIVISÃO QUE PRIMEIRO ENTROU EM COLÓNIA — Ti-

za de pano com que se resguarda as pernas até ao joelho.
10 — Unem — Opera de Bizet.
11 — Incólumes — Ilha portuguesa, chamada a «Pérola do Atlântico».

VERTICAIS

- 1 — Espécie de cortina (pl.) — Razas.
- 2 — Riffão — Armadilha (prov.)
- 3 — Tecem — Cuso.
- 4 — Magou — Parelha — Fluido aeriforme.
- 5 — Actuel — Suavizem.
- 6 — Oferece — Tempo do verbo haver — Lirio — Aquí.
- 7 — Mulheres de pele escura — Nome de uma das doze tribus dos Hebreus, no país de Gualad (Palestina).
- 8 — Fruir — Grande quantidade, — Irra!
- 9 — Amofinalis — Agitei.
- 10 — Tumefacção da pele, forma'a por serosidade infiltrada no tecido celular — Recuperar.
- 11 — Conhado da Irlanda, na provincia de Connaught — Montesina.

Solução do problema n.º 104



composição / Mentolum 8 grs - Methylum Salicylicum 8 grs
Lanolinum Anhydricum 16 grs.

BAUME BENGUE
ANALGÉSICO
GÔTA, REUMATISMQS
E NEVRAIGIAS

Dr. BENGUE, Farmacêutico de 1ª classe
pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em tôdas as casas.
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em tôdas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

diante, adaptando-se às personagens que encarna, pode servir de exemplo de arte perfeita.

Passam agora os dias que se aproximam das «Bôdas de ouro», da ilustre Artista e Senhora.

E como Lucília é ainda um reflexo de um passado glorioso e detentora de um segredo rejuvenescedor de beleza e criação artísticas, este descuidado comentário envolve um justo e respeitável significado de preitear o seu vulto dominador de comediante.

SINTRA ENAMORADA

(Conclusão da pág. 11)

da exclusão febril, mas, ao mesmo tempo, dos grandes cenários da natureza, onde se imortalizem e perpetuem, liricamente. Uma ilha deserta, grinalda de rosas fluindo num mar azul, seria o ideal! Mas isso é quasi impossível... Tão apertada vive esta pobre terra que já nos acotovelamos a cada esquina do planeta!

Ficam os locais privilegiados de beleza, onde há silêncio, exatze e mesmo uma doçura triste e maravilhosa, que torna mais alto e menos breve êsse grande cântico da vida.

Veneza, dogareza pálida, com a sua mascarilha e as veias dos canais a arder na febre dos mistérios nupciais; Capri, com a sua primavera eterna entre colunelos de mármore e o Mediterrâneo empenhado de torciopelo azul; Sevilha, onde ainda refule a espada damasquinada de D. Juan Tenorio; a Escóssia, dos lagos e das canções pastoris; e Sintra, a bela, onde cada vereda solitária é um caminho de beijos, um abraço de ternura, ou a bôca cristalina de uma fonte a correr...

A suavidade da atmosfera, a primavera em flor que sempre veste a serra; o mistério recondito das florestas; o murmúrio cantante das suas águas; o que há nela de céu na terra, tudo isso que, languidamente, se oferece, converte-a num sonho real de amantes e enamorados.

Se o paraíso ainda existisse

seria ali! Vêde como, entre as flôres, a mocidade sorri. Sintra fêz o milagre e, por uma hora de felicidade, o mundo deixou de existir!

Rogério Pérez

A primavera voltou

(Continuação da página 28)

atrás da tua alma, a minha partiu, arrastada pela simpatia e a saúde.

— Lembro-me — disse êle com meiguice. Lembro-me... como elas, voltei, para cumprir o meu destino como o cumprem todos os seres do Universo, centro de irradiações e reacções de distância e de luz. Elas, como eu, voltarão sempre, sempre, enquanto o mundo fôr mundo e a vida fôr vida.

— Dizes bem — disse-lhe ela num sorriso doce e calmo. Tudo volta na vida, volta tudo o que vai, principia tudo o que finda.

E de repente:
— Voltaria também o teu amor? Responde-me a esta pergunta ansiosa.

— Se voltou? De certo, e voltaria sempre, por mais longe que eu de ti me visse. E' assim que o sinto e desejo que o acredites. Assim desejo que seja, para que ao teu olhar magoado de saudades não se juntem as sombras do ressentimento.

— Voltou? Concerteza? — perguntou ela, numa doce frase, em jeito infantil de ingénua pureza, numa frase em que havia qualquer coisa do chilreio das aves e do hábito das flores. E' quedou olhando-o firmemente, em interrogação discreta e muda, dum mutismo elequente. E' então, êle disse:

— Voltou, sim, podes crêr. Olha o nosso redor. Não vês em tudo a beleza? Não ouves o murmúrio das ondas, o arfar da brisa, o buliçar das flores, o zumbir das abelhas e o chilreio das aves? Não ouves, enfim, o descante e a luz igual à de outrora? Tudo voltou, vê bem!
A Primavera volta.

A SOLUÇÃO DE "FOTO-CRIME"

SEGUNDO Susana, Glória estirara-se na cadeira, retirara o frasco de sais da carteira e levava-o ao nariz, morrendo imediatamente (fig. 2). Fôsse isso verdade, a rôlha do frasco estaria sobre o corpo da vítima, ou junto dêle. Mas (fig. 2) o inspector Cobbe não achou nada junto do corpo além do frasco (que se vê na fig. 1); o seu olhar, então, pousou na rôlha do frasco que se encontrava a uma boa distância do cadáver (fig. 2) — o que se tornava impossível, dadas as declarações das testemunhas. Repentinamente, em face dessa subtilidade de Cobbe, Susana acabou por confessar o seu crime. Odiava Glória visto ser sua irmã e servir-lhe de criada. A par disto, Susana disputava-lhe o lugar de estrêla nos palcos de Londres. Pois foi Susana quem substituiu o frasco de sais da irmã, que, de facto, naquela noite, sentindo-se mal se serviu dêle, ignorando o fim que a esperava.

A LAVADEIRA

por MARIA RUI-VAL

A roupa formava já um monte à sua frente. Doiam-lhe os braços. Endireitou-se. A mão ergueu-se a segurar o ombro; roia-lhe ali como bi-ho. Ah! o seu homem, o seu homem! Que falta lhe fazia!... Curvou-se, as mãos adestradas continuaram dobrando roupa, roupa que era pão para ela e para a filha. A filha, coitadinha, sabia bem cedo o que eram canseiras, que ela era viva como pulga, lá isso era. Mas estava a demorar-se; aquilo encontrara a filha da Amélia e vá de brincar. Coitadita, que não fôra isso! A vida era bem dura.

Ah! Quando a gente não morre! Que só se morre quando se tem de morrer e os desgostos não matam! Ela que o dissesse, que tinha o coração mais negro que aquela blusa negra! Ela que o dissesse!...

O sol doia-lhe nas costas como punhal; curvou-se mais, quasi unida àquela terra ingrata, sem uma sombra onde se abrigar. E' a Lota que não vinha...

Ah! como tudo aquilo lhe seria leve, se ela encontrasse o seu homem lá em casa. O seu homem!

Não podia afastar aquelas idéias, que quando se está só até parece que elas se agarram à gente. O seu homem!

Tinha sido num dia como aquêle. Chorar? E' já não chorava que as lágrimas já tinham acabado. Agora, ficava para ali a olhar sem ver, abandonando-se àquela dor que parecia sufocá-la, sem nunca a matar. Ela que o dissesse!... Ela que o dissesse, quando naquela noite ouviu o bater monótono do relógio na parede... e o seu homem sem voltar da feira. O que ela pensara revolvendo-se na cama! E' que grande esta lhe parecia sem o seu Toino! Que êle era bom e trabalhador como poucos. Lá isso era. Mas aquêle Zé da Moita era um malvado, muito capaz de lhe pagar vinho só para se rir.

O que ela se moera, quando as horas passavam, umas atrás das outras, sem terem pena dela, cheia de frio, à espera do seu Toino, tremendo a cada ruído que o vento fazia na porta. Ia amanhecer quando a tensão em que estava, o cansaço e o frio foram mais fortes e caíra num sono pesado. Pudesse ela ter ficado sempre assim a dormir! Pudesse ela não ter acordado e levantar-se com um peso tão grande no coração, que lhe parecia não se poder ter de pé. Que o coração adivinha!...

Mal saíra a porta, quando dera os bons dias à Cecília e esta quasi nem lhe respondera e metera-se para dentro como a esconder-se dela, e a Maria e até o Tio Domingos, aquêles que tinha sempre uma graça para lhe dizer, a olhara muito sério a abanar a cabeça e nem lhe respondera ao

cumprimento. Uma angústia começara a espicaçá-la; parecia que uma voz lá de dentro lhe dizia «O teu homem, procura o teu homem!»

Fôra a tremor que batera à porta do Tomé da camioneta e quando o forte tronco dêle se recortou no postigo não sabia o que lhe lera na cara que a fizera rojar-se a soluçar perdidamente, as mãos erguidas numa súplica inútil. Que o coração adivinha!...

Tinhama-lhe dado água, acalmara-se aquêlo tumulto e ouvia agora falar como ao longe... desastre... caiu do muro... Zé da Moita... bateu nas pedras... Lisboa... Era preciso ir a Lisboa ao hópital... era preciso ir ao hópital... — começavam as frases a martelar-lhe a cabeça. Eram como agulhões a espicaçá-la.

Via-se a caminhar como um corpo sem vida até à camioneta; sentar-se.

Ah! como se sentia só! De tantas mulheres nem uma única se oferecera para a acompanhar. Pois sempre fôra boa e amiga de tôdas. Que a vida é assim, que se há-de fazer?

Ah! aquêles corredores frios do hópital, aquela espera sem fim, amarfanhada sobre um banco, como um trapo esquecido. Depois, tinham-na levado a um quarto onde um homem escrevia sobre uma mesa cheia de papéis. Perguntara-lhe o nome do marido, a idade, os sinais. Pareciam arastar-se as palavras do homem e ela queria que tudo aquilo findasse e temia o fim. Depois, outra vez corredores, bancos cheios de gente, cabeças que se erguiam para a ver passar e se desviavam indiferentes àquela dor que levava ali cravada no peito.

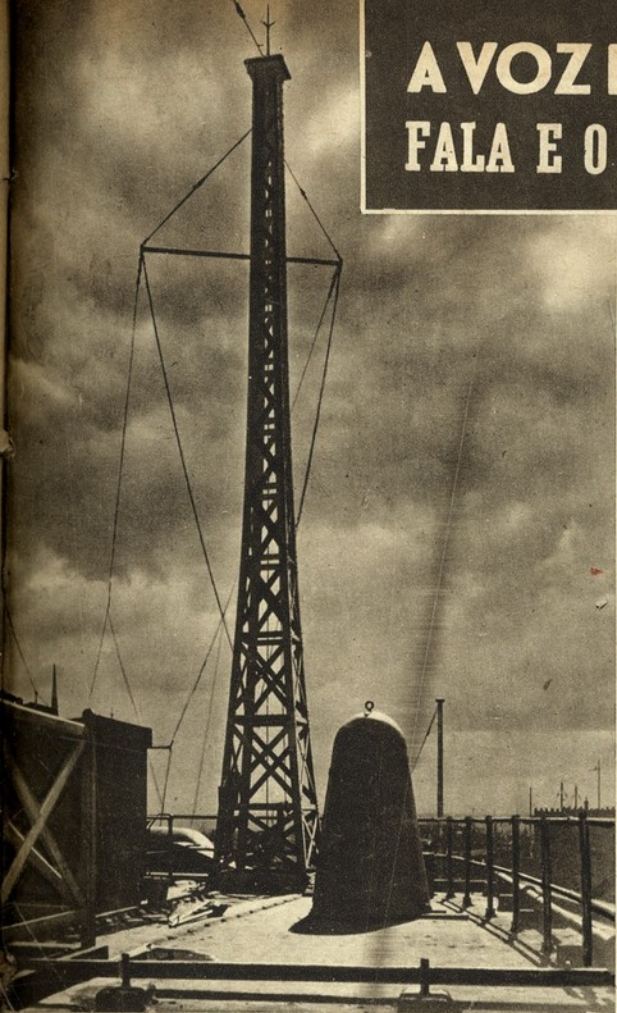
O homem que a conduzia ia afrouzando o passo. Parou. Mandou-a esperar. «Vou ali à Morgue» — disse tão baixo que quasi nem o ouvia. O coração deu-lhe um baque, as mãos gelaram-se; encostara-se à parede para não cair.

Ele acenava-lhe agora junto à porta. Estava comovido, pousara-lhe a mão nos ombros — «tenha coragem, boa mulher.»

E ela entrara... e ela vira o seu Toino, ali estendido, que não se ergueu para a abraçar, para lhe dizer que era mentira, que aquilo era mentira, que aquilo era um pesadelo e que ia trocar dela com aquêles feitos que lhe arqueava as sobrancelhas e lhe dava um ar de garoto, quando se ria. O seu Toino, que tinha vestido a camisa nova para ir à feira e que estava ali rôta e suja, cheia de sangue.

Depois... depois... ela não morreu, porque os desgostos não matam — ela que o dissesse, que estava ali dobrando roupa. Ela que tinha o coração mais negro que aquela blusa de viúva.

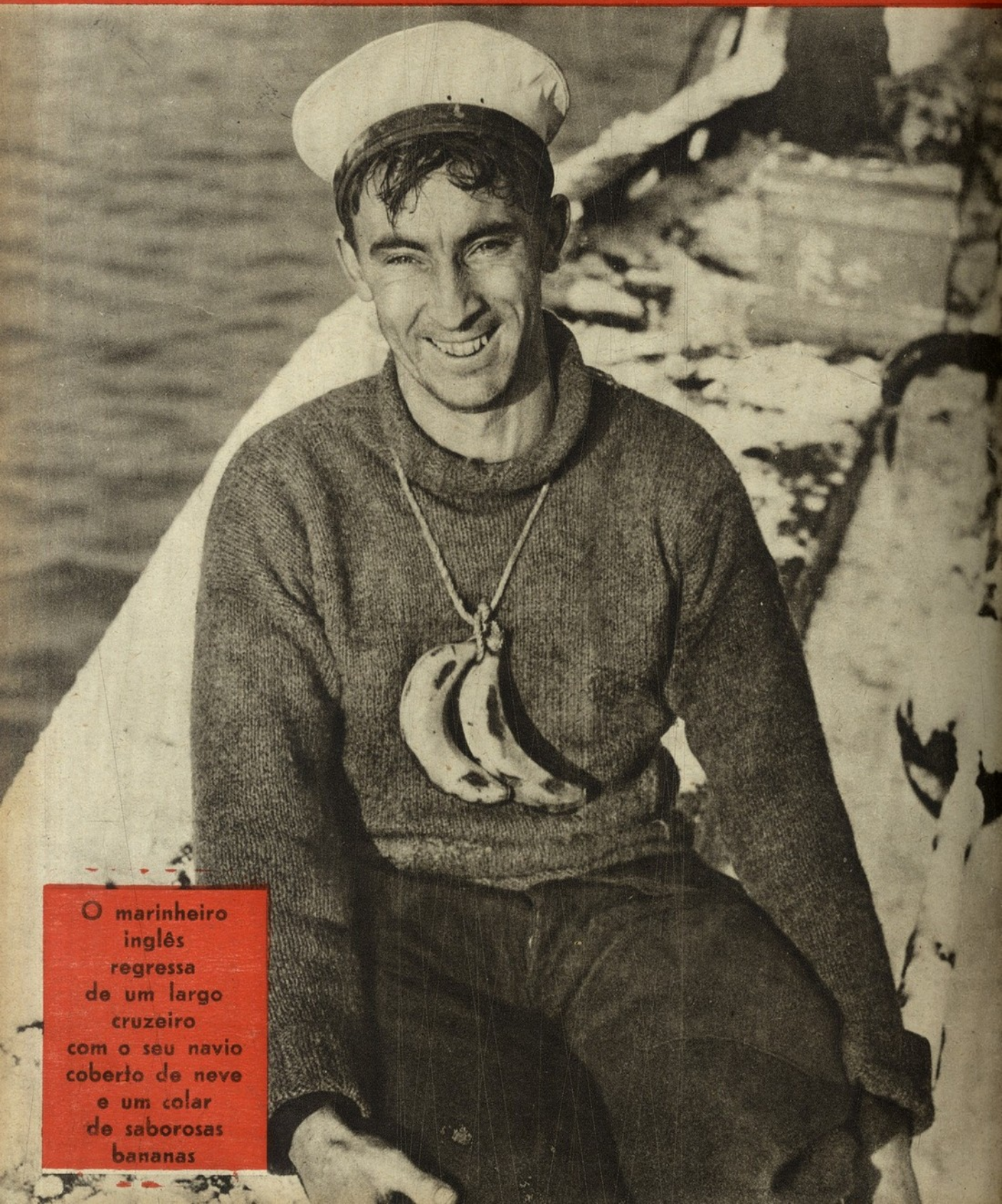
A VOZ DE LONDRES FALA E O MUNDO ACREDITA



A B. B. C. é um laço entre os soldados britânicos e suas famílias. Membros das forças armadas de Austrália e das Bermudas dirigem mensagens aos seus entes queridos. Filhos e filhas de soldados, através do eter, trocam saudações com seus pais



MUNDO GRÁFICO



O marinheiro inglês regressa de um largo cruzeiro com o seu navio coberto de neve e um colar de saborosas bananas